

Resenha

Comentário sobre *Dança macabra*, de Laura Samy

João Saldanha

Uma das questões mais difíceis para o artista aponta na sua própria capacidade de comunicação: “para que fazer isso?”. Em seguida vem o: “como fazer isso?”. E depois, “para quem eu faço isso?”. A necessidade de realizar uma criação transita nas mais diversas esferas da existência humana, em geral, pode ser uma forma de voltarmos a engasgos e libertarmos a criatividade contida, um desabafo pelo qual determinamos em qual região transitamos. Na verdade, a leitura estética de um trabalho em arte pode ser seu próprio destino. É ali onde poderemos perceber uma escolha e nos deixarmos, ou não, adentrar num universo e entendermos o nosso quinhão. Curioso que, quando o feito foge aos padrões esperados e rema em direção oposta, produz um não lugar com múltiplas facetas, com as quais somos quase que forçados a um diálogo interno constante. Esse é o lugar do público em *Dança macabra*, de Laura Samy.

Na medida de seu desenvolvimento espacial, Laura, com uma vestimenta longa e negra, inicia a tarefa de construir um portal feito de cubos de madeira, centralizado em proporção à cena. Nessa feitura, podemos perceber o espaço que está sendo dado para nossas atenções. Ação meticulosa, sempre contendo o risco do desabamento, o nosso desabamento, aquele que antevemos, previsto pela delicadeza da ação, que se torna novo início, quando, ao se colocar escondida por detrás da estrutura, Laura cria uma espera sinistra. Nesse momento a casualidade de estruturar subitamente se transforma num corpo espectro que ronda o espaço por vias sinuosas, trazendo a profundidade do espaço, mantendo o risco do desabamento, reafirmando os diversos campos de visão da plateia, que atentamente observa as partes de um corpo em fuga.

Ocultar o que foi revelado de imediato num jogo de esconde-esconde estabelece que o trabalho vem cercado de humor, humor macabro, humor que revela mãos que se firmam na estrutura. Então essa forma de tratar o espaço determina uma não escolha da artista sobre o nosso ponto de vista, todos estamos sujeitos ao seu desdobramento fúnebre e austero.

Numa terceira etapa de desenvolvimento, Laura Samy ainda trata o oculto, só que desta vez pelos sons obtidos pelo seu pisar no solo, que aparece pelo

recorte lateral do corpo entre as duas colunas construídas e por onde a tentativa e o esforço surgem numa multiplicidade de ações repetitivas que se renovam na medida do tempo e da própria antecipação do tempo, produzida pela ansiedade de quem observa. Sim, a ansiedade está presente o tempo todo e ela também se torna ignição do espectro, produzindo aflição e humor, a plateia ri e chora simultaneamente. Chora pelo tamanho esforço, pela integridade da artista ao se revelar vulnerável na sua tarefa, pelo que está contido em formas, pelo olhar direto que surpreende aqui e ali e não se refere ao demonstrativo e sim à construção de uma ideia tecida no espaço, no quanto é possível esgarçar e dilatar um espaço revelado.

Ela nos coloca no trabalho e não poupa os nossos esforços, a nossa construção requer paciência e atenção. Esse trajeto entre, onde nas extremidades, por detrás surge um corpo, um híbrido estrutural com pernas e braços que irrompem o espaço e se amalgamam ao portal. Fragmentos que aguçam a nossa curiosidade e fogem da nossa compreensão, um enunciado trágico do corpo contido numa atitude espasmódica divertida que só uma bailarina com vivência e técnica é capaz de tratar. Então o trabalho exige um histórico longo de técnicas e de investigação para ser realizado, ainda que não caia na trivialidade do que percebemos como técnica. Mais uma vez somos surpreendidos nesse trajeto pela máscara/alegoria que aparece sem que possamos entender como, no decorrer desses passeios laterais, Samy traz no rosto dois traços de tinta pretos abaixo dos olhos, como uma guerreira transformadora, um detalhe que modifica sua força cênica e nos impressiona pela mágica proporcionada, e nos faz perguntar: “como eu não vi?”.

Numa quarta etapa dessa saga macabra, Laura Samy modifica a perspectiva do passeio pelo ritmo proposto, acelerando sua passada, transformando-a em corrida que desloca na mesma medida do andar, ou seja, corre, porém, espacialmente mantém a proporção do caminho para transformar o portal numa tela cinematográfica. Espaço que se alterna da bidimensionalidade da tela a tridimensionalidade da sala. Sua figura nos permite delirar com seus passeios frontais, dando-nos a perspectiva de profundidade, seu corpo recua e avança a cena, acentuado pelo corpo voz que discursa alternadamente em português e italiano sobre as ordens sociais, inspirada pelas pinturas que retratam a peste negra na Idade Média ou pela morte anunciada que chega para todos.

Na quinta e última parte do trabalho, Samy retoma sua ação inicial, só que, dessa vez, seu passeio sinuoso pelo espaço se dá com um corpo nu, um corpo que revela a nossa condição de igualdade, que transita e corre armazenado de histórias e que ainda assim pode resistir ao trágico entendimento católico da morte.

Talvez seja o momento do trabalho em que possamos dar espaço reflexivo, não como meros observadores, mas como participantes atentos de um possível desfecho. Na morte todos se tornam iguais. Esse desfecho vem cheio de elementos de cena onde podemos facilmente negar tudo o que foi construído até então, por exigir até o último minuto uma participação atenta, e talvez seja a maior oportunidade para lidarmos com a ânsia que produzimos em contato com o que está vivo e pulsante num artista.